

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1187	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	—	—	20 de Dezembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

## Julgamento dos conspiradores no Tribunal das Trinas



NA PRIMEIRA AUDIENCIA — O ACUSADO E O JURI  
(Cliché da «Mala da Europa»)

O JUIZ, SR. DR. PEREIRA  
DA MOTA

que vincaram na fisionomia, ao contato salutar da natureza, uns traços viris de severidade e bondade.

No entanto, neste cantinho amiasmado de Lisboa, ao desenrolar lentamente as paginas deste livro, a minha expectativa tornou-se numa surpresa agradável. Daqui, vi desdobrar-se outra vez — como em outros tempos! — aquella paizagem querida, animada dos olhares tranquilos dos bons camponeses da minha terra. De novo, conversei com elles. Devido á paleta exuberante e apropriada de consciencioso colorista que é Hipólito Rapôso, de novo me integrei naquella paizagem e nela contente vivi, por momentos, em dias como aqueles, em que, na sua expressão felicissima «o sol, de escaldar nas voltas do solsticio, vai secando as gotas de sangue das papoilas» e a «vida canta em orgias de seiva» em tardes como aquellas em que «os pares de namoro vagueiam pelos caminhos, noivando quasi tontos de cio, ardendo no afeto sensual que humedece as pupilas dos rapazes e faz morder os peitos das moças em febres de desejos;» e em noites como aquellas em que «as estrelas mal brilham de alto, dissolvidas na prata liquida das noites enluradas!» Este primeiro conto — *Fé Antiga* — é, na verdade, excelente.

Dificilmente se poderá excede-lo

## CRONICA OCCIDENTAL

A literatura dum paiz é sempre mais ou menos a expressão do seu estado social e moral.

Ainda que na literatura seja para considerar o factor «individuo» que Taine desdenhou, segundo parece, o que é certo tambem, é que esse «individuo» é sempre o representante dum certo numero de espiritos, com umas certas afinidades moraes e intellectuaes, e esforçados na mesma orientação.

São estas considerações que me aliviam singularmente, ao ver surgir, de entre a enxurrada literaria, mercantil e filistinica, que nos avassala, obras de real valor moral e literario como sejam. a *Deshonra*, de João de Castro, de que o OCCIDENTE já falou, e a *Bôa-Gente*, de Hipólito Rapôso, que vou examinar.

Só agora se me ofereceu occasião de ler e apreciar este livro. E' um volume de contos.

Quem pertence ao mister — este glorioso e torturado mister de interpretar almas e paizagens — sabe muito bem que de enormes dificuldades tecnicas se não têm de vencer na eclosão desta pequena flôr, na modelação e animação deste pequeno jaspe arrancado habilmente á natureza — o conto. Não é de surpreender, pois, a minha expectativa anciosa ao começar a ler esta obra de Hipólito Rapôso. E demais, não se trata aqui simplesmente dum *novô* que entrou, comtudo, airoso e dignamente na Cidade das Letras; trata-se tambem neste caso — e isto tem para mim elevada importancia — da *primeira* tentativa de interpretação daquella bemdita paizagem da minha Beira — tão expressiva, tão acidentada, da Estrella ao Tejo — e da interpretação desses ingenuos espiritos de beirões



NA PRIMEIRA AUDIENCIA — DEPOIS DO JULGAMENTO  
O REU JOAQUIM AUGUSTO DE ALMEIDA. CONDEMNADO A 20 ANOS DE DEGREDO  
(Cliché Benoiel)

na descrição colorida e viva daquele estuoso verão da Beira. Os pormenores de paizagem, as nuances de côr, o autor ali as assinalou com mão segura e amestrada. E esta qualidade de estilista — primacial no contista com o dom psicologico — possui-a evidentemente não só na — *Fé Antiga* — como em todas as outras paginas do livro em que ela sobressae sempre comedida e inapagavel. E mal sucede ao autor quando a parece desdenhar, como, por exemplo, no *Senhores de Almendo* e sómente parece confiar na rara habilidade de conduzir um dialogo, e na coragem perseverante de descer ao fundo da alma humana para lhe surpreender as suas mais intimas perturbações, comprehendel-as e interpretar as.

Assim, esse dom forte de colorista e uma observação perspicaz e cuidadissima da natureza e da alma humana, elevam se, de par, das suas, quasi todas, magnificas telas. Na *Fogueira do Natal*, transporta-nos ás invernia bravas da Beira, ás suas carinhosas festas de familia, e faz nos assistir áqueles espectaculos convulsionados de luz que são as fogueiras do «Menino Deus» contorcendo-se vigorosamente nas suas espiraes de flama. Aqui, como nesse primoroso estudo — *Pepito* — as suas preciosas qualidades de pintor afirmam-se sempre, na descrição das noites negras com os murmurios misteriosos dos pinheiros e a buzina enervante do vento, e um relampejar de sangue que é como um traço impressionista nos grandes quadros da natureza . . .

Hipólito Rapôso aparece nos, pois, como uma figura nobre de pagão, de requintado panteista, tornado levemente idealista pela magia do nosso transcendente céu peninsular.

Mas — devemos concordar — num contista, ha mais do que um sinfonista melodioso da palavra: ha o estatuario e o psicólogo. E, além disto, secundariamente mas indispensavelmente, ha a necessidade urgente do senso pratico do encenador, do técnico teatral que harmonise as scenas e não precipite os quadros. Abundam, neste livro, essas qualidades? Todos os leitores imparciais e de bôa-fé dirão inevitavelmente que sim. Mas eu que sou mais exigente, direi que estas qualidades ali existem e sobreaguam, sem deixar de afirmar que se tem, todavia, o direito de exigir mais de Hipólito Rapôso.

Eu sei! Ha no livro que aprecio, a *Fé Antiga*, que é, como já disse, um quadro excelente.

Aqui está o autor no seu meio querido de pagão contemplativo e observador. Faz o estudo duma superstição primitiva e rural.

Em meio daquela natureza exuberantissima, examina aquella pequenina sociedade de campônios, nota-lhe os gestos e taquigrafa lhes as palavras. E' admiravel de verdade. O enredo é simples. E aqui o psicólogo não se dá a grandes tratos de esforço. Admiraveis de verdade e naturalidade são tambem o *Tio Bernardo, o veterano* e o *Povo Soberano* — comedia de eieições bem representada e desfechada.

*Pepito* é, como já disse, um estudo primorosamente feito do galego miseravel e vagabundo que sob a chibata dum patron estúpido vagueia pelas nossas provincias, raquitico e famulento, varetas de guarda-chuvas a tiracólo, rouquejando num pregão desesperado. E como é surpreendente e reconfortante o acabamento deste magnifico quadro literario, quando o moleiro, depois de salvar Pepito dum suicidio de desesperança, diz aos filhos, num gesto de amor e piedade: «Ide todos para a eira, a brincar com êle!» Mas eu já não quero falar — o tempo e o espaço faltam-me — senão dum comovente conto intitulado *Maria-da-Gloria*. Este não seria, positivamente, um simples quadro literario. Seria um verdadeiro conto, de grande arte e funda psicologia, se o autor o não cristalisasse na condição de esboço inacabado. Falta-lhe o que se chama: acabamento! Isto é, aprofundasse mais o autor a psicologia dessa desventurada Maria-da-Gloria, e iluminasse mais as modificações que o amor — um grande amor humilde e portuguez — ia imprimindo á sua grande alma de sofredora. Coordenasse mais estreitamente todos os seus episodios — e enscesse e dramatisasse mais perfeitamente. Neste conto que examino e critico, ha um estilo habil, observação sagaz, escolha cuidada de episodios, bôa caracterisação de personagens. A dramatização e encenação é que são deficientes. Sendo este conto, a historia dum amor — amor recolhido e humilde mas grande e portuguez — é extraordinario que nem Maria da Gloria, nem Nicolau, nem parentes, nem amigos se refram nitidamente a este amor. Ha simplesmente uma vaga e incerta referencia numa conversa disputada de soa-lheiro dumas senhoras visinhas. Mais nada! Nicolau é recensado, e parte a engolfar-se nos miasmas da caserna. E nem um aceno de despe-

didá faz á rapariga. E' prêso. Consegue evadir-se. Regressa. E não vem dar uma palavra de conforto e esperança á pobre moçoila que se fina de amôres e saudades. Além disto, oculta-se tanto da justiça militar, como de nós que, de resto, como observadores inofensivos, tinhamos mais direito á sua confiança. Mas ainda assim oculta-se mais de nós que dos homens da justiça que conseguem descobri-lo e prendê-lo — coisa que nós seriamos incapazes por força das circunstancias de fazer. . . E' isto natural?

Não. Hipólito Raposo, neste conto que é duma concepção larga, delicada observação e suficiente psicologia, não conduziu convenientemente o fio do enredo que é original, engenhoso e humanissimo.

Pois é natural que o beirão espadaudo e forte da nossa Beira seja tão pusilanime, em negocios de amor, como um colegial romantico?

Pois é natural que Maria da Gloria — aliás tão bem desenhada — mesmo tendo aprendido o abcdario pelas unhas negras dum João Felix, seja tão tímida como uma clorótica das Salesias? . . . De resto, o que a maioria dos leitores não notaria, noto o eu porque a isso sou moralmente obrigado. Ao consciencioso colorista da *Fé Antiga* e *Fogueira do Natal* e ao delicado psicólogo do *Pepito* e *Tio Bernardo* apontei este defeito — falta de tecnica em alguns dos seus contos — porque foi o unico que lhe encontrei. Quanto a belas qualidades de escritor, se lhas quizesse notar, demonstrial-as ia evidentes, como por exemplo, uma poderosa originalidade e absoluta probidade literaria.

Não posso abster-me, pois, de felicital-o, enviando-lhe a expressão da minha calorosa admiração. . . Depois do Fialho, esse admiravel sinfonista, esse genial colorista da paizagem portugueza, essa figura irrequieta e gavrochiana de psicólogo que rasgava funda, violentamente todas as roupagens da alma humana e a descobria na sua nudez palpitante e real — depois do Fialho, a *Dama de Ribadavia* de Silva Gayo e a *Bôa Gente* de Hipólito Rapôso são porventura as tentativas mais felizes do conto moderno, regionalista, em Portugal.

ANTONIO COBEIRA.



## Pela vida fóra

### D. Eulalia de Borbon y Borbon

A época é de escandalos. Parafraseie se a evangélica frase: «ai dos que não trouxeram escandalos ao mundo», serão uns ningéns. Divulgando e registando-os tornaram-se as *Memorias* livros queridos das gerações contemporaneas. Ellas revelam segredos, amores sonhados, ilusões desfeitas.



INFANTA D. EULALIA DE BORBON Y BORBON

Depois as *Memorias* regias segredam os amores urdidos naquela atmosfera magnólica das côrtes. Têm cenário magestático, fidalgas personagens, tudo grandioso e invulgar.

A' *Memorias* de sisudez generala como as de Napoleão descrevendo planos do seu megalomanismo imperial. A' *Memorias* ironicas como os pensamentos de Julia Fons. A' *Memorias* bohemias como as da Sara Bernhardt cantando triunfos e amores loucos.

Nesta galeria ingressaram as *memorias* de Luisa de Saxe. Um volumito rendilhado na fórmula, causticante na critica, delicadissimo como purissimo Saxe.

São estas obras que instantaneamente celebraram autores.

D. Eulalia de Borbon y Borbon, simpatisando com essa filigrante prosa de Luisa de Saxe elaborou o «Au fil de la vie». De manhã nos arredores de Auteuil colhe notas como colheria lilazes. «A natureza é sua insinadora». Pelo serão na sua biblioteca parisiense, relê Ibsen e Dantec, Platão e Gustave Le Bon. O seu talento é ornamentado pelas scentelhas doiradas do seu cabelo.

D. Eulalia conhece escandalos da côrte. Infelizmente casada, divorciou-se. Seu filho casando sem consentimento de Afonso XIII foi exonerado do exercito. Readmitido vae a Melilla, é incondecorado. O Rei prevê vingança escandalosa, e telegrafia:

«Sorprendido anuncio periódicos publicas un libro bajo pseudónimo «Condesa de Avila», y por otras noticias que suponen causará sensación, deseo suspendas hasta que yo lo conozca y te autorice. — Alfonso.»

Esquecera-lhe que D. Carlos de Bragança, quando do *Marquês da Bacalhôa*, mandára comprar um exemplar confiado no reclame do vendedor e. . . da policia.

Afonso XIII ávido de sustar o escandalo, o escandalo produziu. Em redor do livro surge europeu interesse brêjeiro. No entanto esse livro não descreve aventuras, não descreta amores. E' simplesmente um volume de complexos problemas sociaes. Disserta sobre moral e religião, casamento e divorcio.

Daí a consagração da Academia que lhe abriu as portas, momentaneamente com a tristesa da sociedade que não pretende morrer de tédio.

Dez. 911.

ALVARO NÉVES.



## Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

### De Bombaim a Zanzibar

Quer o nome d'esta cidade seja proveniente das palavras portuguezas — boa-bahia — ou da deusa Mumba a quem a pequena ilha Mumba foi consagrada, o facto é que Bombaim é hoje uma das maiores e mais bellas cidades do Oriente, capital da presidencia do mesmo nome, terminus de varias linhas ferreas e o principal porto da costa de Malabar. Possui sumptuosos edificios publicos e particulares, talvez a mais rica estação de caminho de ferro do globo, Victoria Terminus o melhor e maior hotel da India Taj Mahal, cathedraes, templos, palacios, etc. A população, de perto de um milhão de habitantes, comprehende 50:000 parses, 35:000 portuguezes indianos e uns 13:000 europeus. Faz-se por Bombaim a exportação da Presidencia, do Deccan occidental, das provincias do NE e do Punjab. Os principaes productos de exportação são: algodão e seus tecidos, cereaes, fructas seccas, sementes oleaginosas, opio, lã, pelles e marfim. A importação consta de tecidos de lã e seda, metaes, vidros, porcelanas, coiros, assucar, seda crua, chá, etc. Como é natural, as obras do porto e a *ouillage* destinada á carga e descarga dos navios, aperfeiçoam-se constantemente.

As duas grandes docas actuaes, Prince e Victoria, com 120:000 e 100:000 metros quadrados de superficie molhada, não são sufficientes para as necessidades commerciaes, por isso se emprehenheu a construcção da nova grande doca Alexandra com cerca de 200:000 metros quadrados que deve ficar concluida em 1912 e custar 10:800 contos de réis. Faz parte d'esta obra um novo dique denominado Hughes que terá 305 metros de comprido e 30<sup>m</sup>,5 de largo, onde poderão entrar os maiores navios até agora construidos. A descripção d'estas grandes docas e os interessantes methodos de construcção estão descriptos no n.º 8 da *Revista de Engenharia Militar* pelo nosso illustre camarada Augusto Eduardo Neuparth.

A exportação por Bombaim foi em 1909 no valor de 471.757:027 rupias (145.527:108\$100 réis), sendo o algodão a parte mais importante.

Em 1909 exportaram-se 1.450:000 fardos de algodão e consumiram-se nas fabricas 1.099:000. A exportação foi por cento:

Para Inglaterra.....	0:892
« a Europa central.....	25:192
« a China e Japão.....	28:399
« Calcutta e portos da costa.....	0:933
Exportação total.....	55:416
Consumo das fabricas.....	44:584
Total.....	100:000

Para Portugal não se exportou algodão algum em 1909 e em 1908 apenas 55 fardos.

No anno que terminou em 31 de março, exportaram as fabricas tecidos de algodão com o peso de 156.954:300 kilogrammas e no valôr de lakhs de rupias 1.651,87

Em 1908-1909 entraram no porto de Bombaim 873 navios medindo 1.788:970 toneladas e saíram 643 com 1.412:538 toneladas.

Pouco depois de amarrar á boia, vieram cumprimentar-me o commandante do navio da marinha ingleza *Philomel*, V. G. Gurner, o major Steward Capper, chefe de estado maior do major general J. C. Swann, e major S. G. W. Hume. Retribui estas visitas e cumprimentei o visconde de Wrem, consul geral de Portugal. Acompanhado pelo consul visitei o governador Sir George Clarke, o major general e o capitão do porto S. D. Vale.

No dia 9 foi-nos offerecido um jantar no Taj Mahal Hotel pelo consul de Portugal, onde estavam doze pessoas, e um chá no Yacht Club, do qual fomos feitos socios honorarios pelos consules de Italia mr. e m.<sup>me</sup> Gorio.

A colonia portugueza veio cumprimentar-me no dia 11, visita que retribui indo no dia 12 á sede da Associação. Goana acompanhado do consul e tres officiaes. A colonia portugueza de Bombaim que, como disse, se compõe d'uns 35:000 individuos, remette geralmente para a nossa India o que pôde economisar dos seus magros salarios, talvez uns 30 contos de réis mensaes.

E', pois, Bombaim para a nossa India o mesmo que o Brazil é para Portugal.

Foi-nos offerecido um jantar em casa dos condes de Thurn, consules d'Austria, onde concorreram umas doze pessoas e a convite do governador fomos ao baile que na mesma noite se realizou no palacio do governo.

Pela casa Cory foram-nos fornecidas 220 toneladas de carvão Powell's Duffryn ao preço de 37 shillings a tonelada f. o. b.

No dia 13 convidei para uma excursão á ilha Elefanta e *lunch* a bordo os condes de Phurm, condes de Maggi e mr. e m.<sup>me</sup> Gorio, mr. Pack negociante de perolas, Bettaloni official de marinha italiana e consul de Portugal, pessoas que nos tinham obsequiado.

Pelas 5 horas da tarde depois de passada a inspecção medica regulamentar n'aquelle porto largamos da boia e começamos a navegar em direcção a Zanzibar. Estivemos em comunicação com a estação telegraphica de Bombaim até á tarde do dia 14, quando os signaes já eram tão fracos que mal se percebiam. A's 9,55 a. m. do dia 15 deu-se uma avaria na machina de bombordo. Partiu o carro do excentrico do divisor do cylindro de alta pressão. Havia um carro sobre-celente mas a paragem repentina da machina que ia a toda a força fez torcer o collar e o tirante. Não havendo a bordo forja sufficiente grande para endireitar taes peças; fez-se uma grande fo-

gueira no convez ávante onde este é protegido por uma chapa de ferro. Collocaram-se grelhas restos do mastreu partido, carvão, e assim com muito trabalho e boa vontade se conseguiu começar a remediar a avaria endireitando as peças torcidas. Como n'esta noite de 16 devessemos cruzar a linha de navegação de Aden para Colombo, mandamos pôr gente ao telegrapho para dar noticias nossas a qualquer paquete e não ser causa de cuidado a nossa demora n'esta travessia. Foi grande o nosso espanto quando ao anoitecer se começaram a perceber signaes de intensidade crescente e pouco depois das 9 se comunicava bem com a estação de Bombaim distante n'essa occasião 700 milhas! Expedimos o seguinte telegramma que pedimos fôsse tambem communicado ao consul de Portugal. — «This is the portuguese cruiser *S. Gabriel* from Bombay to Zanzibar. Two days a go port engine broke down. Iam steaming 8 knots with starboard engine trying to repair port. All well. Commander *S. Gabriel*.» — Nunca tendo conseguido até então fallar a 300 milhas o facto de poder comunicar a 700 n'esta occasião surpreendeu-nos. Estes alcances anormaes fôram ha pouco discutidos n'um jornal tecnico allemão que faz notar terem sempre logar depois do occaso do sol, o que leva a suppôr serem devidos á pequena ionisação nocturna da atmospheria. Ao meio dia de 17 apagou-se uma caldeira afim de economisar carvão. Com duas caldeiras e uma só machina estavamos consumindo 100 kilogrammas por milha o que era excessivo.

De tarde aproveitamos a proximidade do equador magnetico para novamente compensar a agulha padrão. Vimos tres vapores que navegavam entre Aden e Colombo. Na manhã de 18 concluiu-se a reparação da machina de bombordo que começou a funcionar ao meio dia. Accendeu-se a outra caldeira. Com a monção fraca e o bom tempo proprio d'esta epocha do anno continuamos a nossa derrota em direcção a Zanzibar. Pelas 3,30 a. m. do dia 22 de dezembro cortámos pela quinta vez o equador agora em 47° 20' de longitude leste de Greenwich.

No dia 22 começamos a ser influenciados pelas correntes tendo tido 33' de corrente ao NE e no dia seguinte 28 milhas ao SE. As cartas de ventos e correntes que temos a bordo, Pilot Charts do almirantado inglez, Pilot Charts publicadas pelo *Hydrographic Office* dos Estados Unidos, See Atlas de Justus Perthes, e Das Wetter, die Winde u Stromungen pelo professor R. Kahn não estão completamente de accordo entre si, e por isso não admira que encontrassemos correntes variaveis em intensidade e direcção. Só frequentes observações astronomicas nos podiam dar a posição exacta do navio. A's 7 p. m. determinamos a posição do navio por rectas de altura de mercurio Rigel, Saturno, e Achernar, ás 7 a. m. do dia 24 a latitude pela lua e ás 8 horas um ponto pela lua e pelo sol. A's 8,50 estavamos em comunicação com a estação de Pemba. Prevenimos o consul de Zanzibar da nossa chegada. A's 9,20 avistou se terra: navegamos a entrar pelo norte da ilha e English Pass, e ás 3,40 p. m. fundeavamos em frente da cidade de Zanzibar e salvamos á terra, trazendo onze dias de viagem desde Bombaim.

Completo este navio no dia 11 de dezembro um anno de viagem. Durante este periodo percorreu 28.564 milhas e entrou em 48 differentes portos, n'alguns mais de uma vez. As machinas funcionaram sempre bem sem ter havido qualquer avaria. E' este o maior elogio que se pôde fazer ao pessoal da machina. Apenas foi por ve-

zes necessario substituir alguns tubos dos condensadores como nos anteriores relatorios informei a V. Ex.<sup>a</sup>

As canalisações, sobretudo as de agua salgada, estão em mau estado, devido a corrosões especiaes e rapidas que se dão tanto n'este navio como no *S. Raphael*, cuja causa é desconhecida.

O estado sanitario foi sempre bom. Não falleceu individuo algum, não houve doença alguma grave ou contagiosa e não se deu qualquer desastre pessoal. Devido ao seu estado de saude e por indicação do medico fôram repatriados, um guarda-marinha, um sargento e quatro praças. Este estado sanitario da guarnição excepcionalmente bom deve ser attribuido á curta permanencia do navio nos portos, ao cuidado na alimentação sobretudo na agua, usando-se agua destillada para beber sempre que a de terra não merece confiança e á prohibição da entrada a bordo de fructos verdes nos paizes onde o seu uso se sabe ser prejudicial.

#### Parte financeira — Um anno de viagem

Tendo completado este navio no dia 11 do corrente um anno desde a saída de Lisboa parece occasião oportuna para me referir á parte financeira da viagem.

Não sei qual a despeza annual feita pelos outros cruzadores da nossa marinha quando fóra do porto de Lisboa. Pelos documentos juntos poderá V. Ex.<sup>a</sup> verificar que este navio durante esta larga viagem tem gasto muito menos do que quando estacionava na costa oriental d'Africa, quasi sem navegar.

Como se vê pelas despezas mensaes duraute o anno que terminou gastaram-se menos 12.848\$367 réis do que em igual periodo se dispendeu em Africa. Convém observar que nas nossas despezas está incluído o fabrico em Hong-Kong parte do qual: collocação de linoleum nas cobertas, agulheiro para o paiol transversal (que existia no *S. Raphael*) renovação das canalisações, novo enrolamento dos dynamos, etc., poderia ter sido executado pelo Arsenal de Marinha em Lisboa e nada tem com a viagem. Estas obras importaram em perto de dois contos de réis. Devido certamente á revolução portugueza não nos fôram enviados para Goa os mantimentos pedidos o que nos causou como se prova pelo documento junto um acrescimo de despeza de 915\$935 réis.

Attribuo a economia realisada durante a viagem ao zelo fiscal do official immediato, á probidade inconcussa do commissario e ao facto de ter regulado os fornecimentos de carvão em Inglaterra antes de partir de Lisboa.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.  
Capitão de fragata

## No tribunal das Trinas

Estava reservado para tribunal o antigo e sombrio convento das freiras de Mocambo, Trinas Descalças, situado na rua das Trinas do Mocambo, ao bairro da Lapa.

Este convento foi fundado por Cornelio Wandali e sua mulher Marta Bós, flamengos, em 1661, no reinado de D. Affonso VI e durante a regencia da rainha mãe D. Luísa de Gusmão.

Abolidas as ordens religiosas em 1834, este convento, veio com o tempo a converter-se em hospicio de irmans de caridade, que ali se encontravam estabelecidas, com asilo e escolas para raparigas pobres.

Como é sabido, o governo da Republica, pondo em vigôr as leis pombalinas e a de Joaquim Antonio de Aguiar, expulsou todas as congregações religiosas que ainda havia no país e nelas fôram incluídas as irmans de caridade, pelo que tiveram estas que abandonar as casas em que se encontravam instaladas, em o numero das quaes entrou o convento das Trinas conhecido por toda Lisboa.

Abandonado este edificio que é grande, mas sem belesa, foi agora nele instalado o tribunal especial para julgamento dos conspiradores, escolhendo-se para sala das audiencias, a maior casa do edificio, que foi adaptada ao effeito, com o estrado e mesa da presidencia, ou do juiz, bancas para o ministerio publico e para os advogados, bancadas para o juri e para o publico devidas pela respetiva grade, etc. Iluminou-se a sala a luz eléctrica, unico modo de lá se vêr alguma coisa, mesmo de dia.

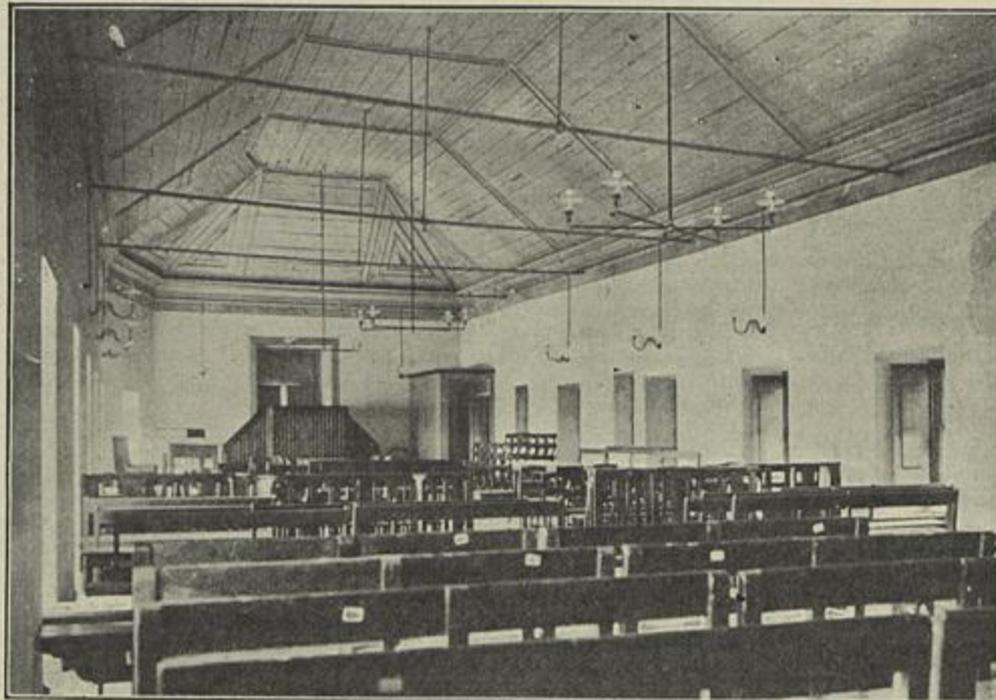
Relação dos individuos pertencentes á guarnição do cruzador «S. GABRIEL» repatriadas por motivo de doença durante o anno que findou em 11 de dezembro

Data	Porto	Classe	Nome	Doença
1910				
13 Janeiro	Rio de Janeiro	Cabo fogueiro	Armando d'Almeida, n.º 1257	Apertos d'urethra e paludismo
27 Janeiro	Santos	2.º artilheiro	José Francisco Miranda e Silva, n.º 3870	Fuberculose pulmonar
20 Março	Callao	2.º marinheiro	Raul Pinho, n.º 3967	»
3 Junho	Honolulu	Guarda marinha	J. Pereira Leite	Neurosthenia e lymphatismo
24 Novembro	Colombo	1.º sargento	Raymundo Alvares, n.º 130	Bronchite chronica
		1.º fogueiro	Manoel Gonçalves, n.º 2039	Tuberculose pulmonar

## Julgamento dos conspiradores no Tribunal das Trinas

Ali tem corrido as audiências para julgamento dos conspiradores, mais ou menos autênticos que as justiças tem podido apurar, devendo notar-se que nenhum desses conspiradores foi surpreendido com as armas na mão, e que dos julgados, muitos tem sido absolvidos, é claro por falta de provas e também por insuficiências dos processos. Não será para admirar que assim suceda tratando-se de algumas centenas de processos, com tempo relativamente curto para devidamente se instruírem, o que não impede dos delinquentes terem já cinco mezes e mais de prisão á espera de serem julgados, e muitos terão ainda que esperar, numa situação bem alitiva e quantos inocentes.

Não pretendemos aqui seguir os julgamentos, porque isso seria demasiado longo para os limi-



A SALA DO TRIBUNAL  
(Cliché Benotiel)

tem corrido serenas, tendo havido por vezes tumultos dentro e fóra do edificio, em consequência dos espectadores se quererem pronunciar sobre o funcionamento do tribunal, na intenção de coagir os seus membros. Este estado do publico explica-se pela exaltação dos espiritos, que a muitos ainda não passou, convencidos, acaso, de uma soberania superior a todas as leis, que lhe ingeriram e que ele ainda não digeriu convenientemente.

As audiências durarão ainda por muito tempo, até que seja julgado o ultimo dos acusados.

Até á data tem-se realiado umas dez audiências sendo julgados uns trinta acusados, muitos dos quaes tem sido absolvidos e alguns condemnados a penas correcionaes.

Sentenças maiores equivalentes a vinte anos



A SEGUNDA AUDIENCIA



A TERCEIRA AUDIENCIA

(Clichés da «Mala da Europa»)

tes desta revista, e careceria de interesse para nossos leitores que de certo estão a par do assunto pelos jornaes.

Simplesmente registraremos que, apesar de nenhum dos acusados até agora julgados, ter conspirado com armas na mão, já tem havido sentenças, segundo a lei especial, que os tem condemnado a 6 anos de prisão celular, com 10 anos de degredo ou na alternativa de 20 anos de degredo. Uma destas sentenças, a primeira que o tribunal proferiu, foi imposta a um homem, que foi portador de cartas, de Paiva Coceiro ou da sua gente, para certos individuos.

O rigôr destas penas, só terá uma atenuante, na esperança de não se chegarem a cumprir, pois é de esperar que a certa altura, quando os animos serenem, e as instituições se consolidem, virá uma amnistia, resgatar os excessos agora cometidos.

As audiências nem sempre



POVO Á PORTA DO TRIBUNAL AGUARDANDO O RESULTADO DOS JULGAMENTOS  
(Cliché Benotiel)

de degredo só tem sido pronunciadas, até o presente, umas quatro.



### Uma grande catastrophe na cidade do Porto

Mais uma vez a gloriosa capital do norte foi rudemente experimentada, no seu labor continuo, por uma grande catastrophe, que feriu seu coração bom e generoso, cobrindo de luto seus filhos.

No domingo 10 do corrente, cerca de 1 hora da tarde, um comboio de carros americanos, que vinha de Leça, ao passar no caes das Pedras, descarriou-se o carro eléctrico a que vinham atrelados e na velocidade que trazia, depressa avançou sobre a cortina do caes, vindo a despenhar-se no Douro, proximo á ponte D. Luiz I.

## Uma grande catastrophe na cidade do Porto



A Ponte D. Luiz I sobre o «Douro», proximo da qual, na margem direita se despenhou sobre o rio um comboio electrico cheio de passageiros

Os carros, que eram tres, vinham cheios de passageiros, despenhando-se os dois primeiros no rio e o terceiro, não chegando a entrar na agua, nem por isso deixou de sofrer avarias e os seus passageiros de ficarem gravemente contusos.

Dos carros que caíram ao rio, morreram 13 pessoas, sendo duas mulheres. As que foi possível salvar com vida, muitos dellas ficaram em deplorável estado, elevando-se o numero de feridos de mais gravidade a 25, os quaes foram immediatamente recolhidos no hospital da Misericordia.

Horriavel foi o quadro que ali se apresentou a quantos olhos o poderam vêr. Praticaram-se actos de heroismo no salvamento das victimas, distinguindo-se o serralheiro Isolino Alves, que, coadjuvado por seu patrão sr. Wal, salvou 15 pessoas dos carros que estavam no rio, assim como os marítimos Antonio Lourenço Fernandes da Cruz, Francisco Duarte e Antonio Marques, que salvaram sete pessoas, Joaquim Pereira e Antonio Fernandes, da fabrica de Massarelos, que também salvaram varias pessoas, trabalhando também no retirarem os cadaveres do rio.

Esta deplorável catastrophe é attribuida, em grande parte, ao mau estado do material circulante e á incompetencia do pessoal, na sua maioria admitido recentemente, depois da *grève*, e por isso pouco sabedor e pratico no serviço.

Este facto tem voltado as indignações do povo contra a Companhia dos Eléctricos, e chamado a atenção das autoridades competentes, para que seja vistoriado todo o material e linhas da Companhia, assim como examinado o seu pessoal de guarda-freios, como alias nunca devia ter sido descurado este serviço de viação.

Mas em Portugal é sempre assim; é preciso que os acontecimentos, e ás vezes bem dolorosos como este, venham lembrar o que nunca se deve esquecer ou tratar de levar.

Oxalá, ao menos, que esta terrível lição aproveite, para que se previnam quanto possível desgraças como esta que enlutaram uma cidade e que todos deploramos.



## O convento das Francesinhas e a sua fundadora

(Concluido do numero 1183)

### VI

A rainha D. Maria Francisca de Saboya depois do seu casamento com D. Pedro, passou a denominar-se princesa e como tal firmava os seus despachos e outros documentos, seguramente em atenção a seu marido que se assinava príncipe regente.

Entretanto terminavam as guerras da independencia e firmava-se o tratado de paz com Espanha a 13 de fevereiro de 1668, depois de 28 annos de successivas campanhas. Por este tratado cedeu Portugal á Espanha Ceuta, assim como por um outro tratado feito em 1681 D. Pedro lhe cedia a posse da colonia do Sacramento.

D. Affonso VI era por fim exilado para o castêlo de S. João Batista de Angra, para onde partiu em 1669 e de lá voltou em 1675 para ser encerrado em um quarto do palacio de Cintra.

Tudo haviam conseguido para os seus fins o príncipe D. Pedro e sua mulher, a qual não tardou a selar o seu novo matrimonio com uma filha, a princesa Isabel, que nasceu a 6 de janeiro de 1669.

Esta princesa Isabel, filha unica, foi o enlevo de seus progenitores, sendo jurada herdeira do trono nas côrtes de 27 de janeiro de 1674, isto é, aos 5 annos de idade. Foi, porém, de fraca construção, doente e só á força de cuidados viveu até aos 21 annos, depois de se ter frustrado o casamento que seu pae tinha empenho que ella contraísse com o duque de Saboya, Vitor Amadeu, seu primo direito, por ser filho da princesa Joana Batista irmã de sua mãe; e frustrado também mais dois que lhe propuseram com o duque de Parma e o grão-duque de Toscana.

Estas contrariedades deviam desgostar a princesa D. Maria Francisca, como seu marido D. Pedro, aos quaes os remorsos, apesar de tudo, não affligiam menos, pois se deviam lembrar do pobre D. Affonso VI, que nos limites de quatro paredes de uma cela do palacio de Cintra, passava os dias gastando os ladrilhos do pavimento (1), no constante passear por sobre elles, ou junto á janêla de grades, onde levava horas e horas do dia alongando as suas vistas pela serra, ou conversando com o seu amigo fiel, o conde de Castêlo Melhor, que ali vinha distrair-o.

Nesta tristissima situação faleceu D. Affonso VI no dia 12 de setembro de 1683, estando a ouvir missa (2).

Chegára pois o momento de seu irmão tomar o titulo de Rei, como de facto tomou, passando a denominar-se D. Pedro II de Portugal.

D. Maria Francisca, porém, não se gosava muito de voltar a ter o titulo de Rainha. A morte de seu primeiro marido impressionou-a fortemente. Se até ali afogára seus remorsos com devoções e entre os conselhos dos seus confessores, os padres jesuitas Pedro Romero e Bartolomeu do Quental, aquelle golpe devia ferir-a mais fundo, não deixando de influir, queremos crêr, para se lhe agravar o mal de que vinha sofrendo desde os principios daquelle anno — uma lesão de coração, segundo parece.

Entre melhoras e peoras, assim levou o anno. Mudou sua residencia para o palacio do conde Sarzedas, em Palhavã, mas ali peiorou; a anasarca chegou a ponto grave, reconhecendo a doente que se aproximava a hora final. Sacramentou-se e pediu ao Nuncio as indulgencias da ultima hora, mas esta prolongou-se numa dolorosa agonia, vindo a falecer no dia 27 de dezembro de 1683.

Nesse mesmo anno, a 20 de novembro, fez, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, testamento a favôr de sua filha D. Isabel, deixando-a por universal herdeira dos seus bens, instituindo mais alguns legados, muito especialmente o de vinte mil missas por sua alma!

Assim procurava, porventura, remir seus pecados, que muito lhe deviam pesar na consciencia! A princesa D. Isabel, sua filha, faleceu a 21 de outubro de 1690.

Mãe e filha jazem no convento das Francesinhas, fundado pela primeira, como se disse no principio deste artigo.

Assim acabou a vida licenciosa da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

Quasi tres seculos depois é demolido o convento para dar logar ao novo Instituto Industrial e Commercial, que ali se vae construir, desaparecendo o edificio, de triste memoria de uma rainha.

C. A.



## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1186)

Mas não foi por culpa minha ou dos meus que ella se deu. Sob minha palavra de honra o juro, que se estivesse na minha mão pudel-a evitar ou socorrer aquelles infelizes, o teria feito esquecendo tudo n'aquelle momento critico. Mas o Todo Poderoso tinha-a decretado e portanto havia de cumprir-se e nós só podemos ser espectadores.

Como disse já, havia um pedaço da rocha quasi ao nivel do mar, que servia de patamar á entrada da casa submarina, e onde os piratas em numero de quarenta ou cincoenta tinham desembarcado, estendendo-se uns pelas lages outros sentando-se a-descançarem e todos em diferentes posições. Alguns até, com os braços dentro d'agua, pareciam entregar-se a mil pensamentos calculando o peor, e desprendendo-se da vida desejavam acabar com aquelle soffrimento.

De repente, viu-se apparecer o tentaculo d'um polvo, que arrastando-se por cima da rocha, enlaçou um dos piratas, que por mais que gritasse e se debatesse se viu precipitado na profundidade do Oceano.

Instantaneamente o terror se apoderou de todos elles, lançando grandes gritos deitaram-se á agua com idéa de alcançarem os botes e assim fugirem ao inimigo.

(1) Ainda hoje se conservam no palacio de Cintra os mesmos ladrilhos gastos no pavimento e junto á celebre janêla.  
(2) D. Affonso VI foi sepultado no mosteiro de Belem; mas em 29 de setembro de 1855, trasladado para o jazigo dos Braganças, em S. Vicente.

Desgraçados! Poucos fôram os que chegaram a tocar-lhes!

Todo o mar em volta do recife pareceu animar-se e viver com os infernaes seres. Centenas de tentaculos de polvos coalhados d'aquellas horriveis ventosas, varreram as rochas e arrastaram consigo as victimas.

No sitio onde estavamos via-se distinctamente os olhos esgazeados e os membros contorcidos d'aquelle gente que se debatia inutilmente e depois mergulhavam para nunca mais se verem, presos e enleados pelos seus terriveis inimigos. O proprio mar parecia em ebulição agitando-se emocionado por aquelle ataque. A espuma das ondas chegava aos nossos pés e de uma das vezes um golpe de mar fez cair uma chuva meudinha sobre nós e cuja agua salgada nos cegou.

Viam-se os olhos verdoengos dos monstros, retorcendo e cabriolando os tentaculos por sobre os pedregulhos, cobrindo-os com aquelle carne gelatinosa.

Que gritos de dôr fenderam os ares n'aquelle terrível momento!

E' melhor correr um véo sobre este horroroso quadro.

Nem por todo o oiro que o mar arraste hoje pela casa de Czerny, eu quizera tornar a contemplar semelhante espectáculo. Porque a morte pôde ás vezes ser uma coisa suave, dôce; mas como aquella... não... não falemos mais n'isso...

A's doze começou a chuva a cair sobre o mar já bastante agitado.

A neve ainda se mantinha espessa, sobre a ilha de Ken, mas o vento começava a empurrar-a, e pouco a pouco foi dispersando as nuvens de vapor que se dirigiam para Oeste.

Desci então á casa submarina em busca de Ruth e cheio de emoção referi-lhe o que tinha presenciado e o que estava succedendo n'aquelle momento.

— Ruth! A noite passou já! Está rompendo o dia, Ruth!

Caíu-me nos braços soluçando.

Acabára a época do somno.

A hora da nossa salvação estava agora proxima.

XXV

### A época do sol

Acaba aqui a historia da ilha de Ken, mas ha coisas que o leitor certamente desejará saber e portanto vou falar d'ellas, e ha de ser pela mesma ordem em que occorreram.

Em primeiro logar vou referir como encontramos o corpo de Czerny, morto, junto d'aquelle charco no meio dos bosques, onde tantos infelizes haviam dormido o terrível somno.

Clair-de-Lune tropeçara quasi com elle quando caminhava alegremente pelas espessuras illuminadas de sol, e, detendo-se repentinamente, soltou um grito de surpresa que me fez correr áquelle sitio.

Foi então que o reonheci e reconheci também a justiça de Deus escripta bem patente, bem clara, escripta em caracteres cujo sentido não podia enganar ninguem.

Durante largo tempo estivemos contemplando o cadaver no seu leito de folhas sêcas, e vendo aquelles olhos abertos que pareciam procurar a luz do céu, que elle não tornaria a vêr.

Assim como em vida, também na morte, aquelle famoso rosto tinha impresso o sello do mal, e falava de paixões não dominadas que haviam causado a ruina de um talento tão pouco vulgar, tão precioso mesmo.

Audaz, até á temeridade, ambicioso insasiavel, e sem moralidade; a sêde do oiro convertera-se para elle, no fim da vida, n'uma monomania ardente. Este homem teria podido realizar grandes empresas se a sua vontade se dobrasse ás leis humanas.

Assim, colhera o fructo do que tinha semeado.

A capa que o cobria era a de official do regimento hungaro, cujo codigo o tinha expulsado do seu paiz. O anel de diamantes que lhe brilhava no dedo, era o mesmo que Ruth lhe dera no dia dos seus esponsaes. A agonia que soffrera foi a mesma que tantos marinheiros honrados tinham soffrido desde que os bandidos chegaram a ilha de Ken.

Assim acabava a historia d'aquelle homem com a morte do protagonista: Czerny.

— Foi de noite, naturalmente — disse Clair-de-Luna; — a sua gente trouxe-o para terra e apaderou-se do yacht.

«A fortuna tambem tem seus revezes, mas quem poderia prever isto? Os malandrins que tinha ao seu serviço voltaram-se por fim contra elle, não ha duvida. Morreu durante o somno fatal da ilha. No fim de contas foi uma morte misericordiosa.»

E o velho francês, maneou a cabeça solemnemente.

— Ora vamos — tornou elle pausadamente — é rarissimo ter-se compaixão d'alguma coisa n'esta ilha. Não precisamos saber como morreu, mas sim que morreu. Vejo alguma coisa, mas não quero saber. Deixemol-o ahi até á noite.

Cobrimos o cadaver com ramos e troncos sêcos e puzemos-lhe um signal para reconhecer o sitio quando voltassemos no dia seguinte, e continuámos o nosso passeio pelo bosque.

As nossas ambições e os nossos planos, as nossas esperanças e os nossos temores, as horas terríveis, os dias impossiveis de esquecer, tudo passava agora pela nossa memoria, mas nunca pensámos que seria aquelle o fim de tudo isto.

A verdejante ilha era nossa, com os seus frescos pastos, os seus bosques e o seu despertar illuminado magnificamente pelo sol.

Tão repentinamente se haviam apartado de nós as trevas e os perigos, que durante um momento nos pareceu que os olhos não poderiam supportar a luz, e incredulos ainda, perguntavamos:

— Será isto verdade?!...

Nada disse a miss Ruth do que havia visto no bosque, mas, esperta como era, observou os segredinhos que tinhamos e comprehendeu por certo o que significavam.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

## PELOS TEATROS

### República

A peça de Alfred Capus, *La petite fonctionnaire*, traduzida por Eduardo de Noronha com o título de *Correios e Telégrafos*, que ultimamente subiu á scena neste teatro não é porcerto uma maravilha que pelo brilhantismo da sua fórmula e pelo admiravel da sua concepção se imponha á admiração geral.

E', contudo, uma peça interessante pela maneira como os seus personagens se encontram definidos, o que os torna verdadeiramente típicos e mesmo caricaturais.

Se não fôsse uma certa inverosimilhança no decorrer da acção seria uma peça muito agradável de se ouvir porque está escrita com graça e com espírito, embóra não tenha interesse dramático.

Resumirei o entrêcho para melhor poder formular algumas considerações.

Suzana Borel é a encarregada de uma estação telégrafo-postal de uma pequena cidade de provincia. E' uma mulher instruida, honesta e que tem sabido conduzir a sua vida de solteira sempre pelo caminho da honra.

Indo procurar Lebardin por um motivo que tinha relação com a sua antecessora, êste apaixonou-se perdidamente por ella.

Lebardin era casado e um modêlo de fidelidade conjugal. Infeliz no jôgo do amor era afeiçoado á vida sosegada e pacifica. A figura insinuante de Suzana conseguiu, contudo, arrançar-lo aos seus habitos e, sobretudo, perturbá-lo muito.

Por conselho de um amigo, Paganel, que tinha uma vida inteiramente oposta á sua, Lebardin atreveu-se a oferecer á telegrafista uma casa em Paris com todos os requintes do luxo, o que esta recusou.

Suzana começou a perceber que amara um Visconde que ia casar com uma sua amiga de infância que quando foi da sua chegada a essa terra a tinha recebido com um certo desprezo depois de saber a sua condição social. O Visconde era um tipo ridiculo, balôfo, ignorante, sem valôr algum.

Num acesso de desespero Suzana declara lhe o seu amor e êle propõe-lhe torná-la sua amante.

Ela não aceita e mais tarde acede á primeira proposta que Lebardin lhe tinha feito e vae com êle para Paris.

Apezar disso a infelicidade continuava a perseguir o pobre Lebardin que nunca conseguiria ser o amante de Suzana.

Entretanto a mulher dêste que desconfiára de qualquer coisa foi surpreendê-lo a Paris em casa da pseudo-amante.

Depois de recriminações fácil foi ao marido convencê-lo de que tudo aquilo era perfeitamente razoavel e ella como tinha um espírito ingénuo e inexperiente tudo acolheu por bem.

O Visconde infeliz no casamento foi para Paris e procurou Suzana. Em casa desta encontra Lebardin que o induz a casar-se com ella visto que êle não tinha sido o seu amante.

Qualquer dos personagens está traçado de fórmula iniludível. Principalmente este Visconde, creatura insignificante e, como disse, ridicula, de um aspecto de molde a provocar o riso, pelo exotico da sua figura e das suas maneiras e que afinal de contas consegue que uma mulher que se nos apresenta inteligente e fina se apaixone loucamente por êle a ponto de, por despeito, chegar quasi a pôr um pé no declive fatal.

Quero crêr que Alfred Capus quizesse mostrar que havia pessoas assim; mas é certo que o ponto a que leva o ridiculo dêsse personagem prejudica o conjuncto.

Não posso acreditar que Augusto Rosa tenha exagerado o papel pois que as proprias palavras que pronuncia definem claramente um tipo assim.

Jesuina Saraiva representou com uma correcção extraordinária e deu ao seu papel de M.<sup>me</sup> Lebardin a feição verdadeira que êle esigia.

Adelina no papel de Suzana foi admiravel e conscienciosa como costuma ser.

Brazão cheio de naturalidade, Ferreira da Silva como sempre e os restantes muito bem.

A. N.

## NECROLOGIA

### Gabriel Pereira

Este homem que caiu nos braços da morte com um desmaio cardíaco, na manhã do dia 16 do corrente, era tão modesto nas suas aspirações como valioso em seus trabalhos, de uma vida toda dedicada ao estudo e aos livros, ás investigações historicas e arqueologicas com aquele decidido amor que desde a mocidade sempre o acompanhou, no empenho de saber, de procurar luz, muita luz sobre a historia patria, empenho auxiliado por seu espirito claro de invulgar intelligencia.

De inteira justiça são as palavras que o presidente da segunda classe da Academia das Ciencias de Lisboa, sr. Cristovão Aires, proferiu, numa brilhante oração, á beira da sepultura de Gabriel Pereira, quando diz:

«Perde a Academia das Ciencias um dos seus mais prestimosos membros; perdem as letras por-

tuguêsas um dos seus cultores mais devotados; perde o país um homem de saber e um homem de bem; perdem, sobretudo, as bibliotecas e os arquivos do país a entidade a quem, evidentemente, neste momento, representava o seu melhor e mais carinhoso amigo.»

«Ninguém os conhecia mais a fundo; ninguém melhor soubera exumar os seus tesouros; ninguém, como elle, consagrara em os aproveitar, em os organizar, em os valorisar toda uma vida de dedicação e de trabalho.»

«Desde os cronistas que bordavam a historia ao sabor dos grandes e poderosos, até aos modernos curiosos da historia, papagueadores uns do que, muitas vezes, sem a devida investigação prévia, fôra affirmado, improvisadores outros do que não buscaram estudar e esclarecer á luz do documento imprescindível, a verdade historica raramente tem sido procurada no seio fecundo dos arquivos, onde se pôde dizer que, em muitos capitulos, jazem inéditos os factos portuguezes.»

«Da familia intelectual de José Pedro Ribeiro, de Rivara e dos Bastos, Gabriel Pereira foi o cabouqueiro que arrancou a pedra e o caneteiro, que a afeiçoou, para com ella se assentarem melhor os alicerces dos conhecimentos historicos, literarios e artisticos do país, e mais alto se erguer o seu monumental edificio.»

«Alemtejano, nascido em Evora, cidade que guarda as tradições eruditas de André de Rezende, de Fr. Manuel do Cenaculo, de Cunha Rivara, aquella bela capital de uma provincia, que de tantas civilizações, que por ella passaram, guarda ainda grandiosos e sugestivos monumentos, e vestigios de toda a especie, elle consagrou especialmente o seu estudo. Cada colunata de templo, cada cubêlo de fortaleza, cada inscrição tumular representavam para elle a pagina, senão todo um capitulo, de um livro que sabia ler como ninguém. Os seus *Estudos Eborenses* são toda uma evocação luminosa de um passado de muitos seculos. Toda a sua vasta obra é uma ressurreição.»

«Mas não foi apenas a sua região natal que lhe mereceu os cuidados do estudioso; como historiografo e arqueologo, percorrerá todo o país, em repetidas viagens de investigação e estudo. Conhecia todos os monumentos; conhecia todas as bibliotecas e arquivos; quasi todos revolvera e aprofundara; na pedra, no bronze, na tela, no marmore, no pergaminho ou no papel, onde quer que estivesse um documento a inquirir, lá ia Gabriel Pereira decifrar-lhe a linguagem ou interrogar-lhe o segredo.»

«Inumeros jornaes, revistas numerosas, folhetos, livros, enciclopedias — são o repositório precioso de trabalhos seus, alguns de um grande alcance e incontestavel valor.»

Gabriel Victor do Monte Pereira, nasceu em Evora a 7 de março de 1847, filho do professor do liceu daquela cidade Antonio Pereira da Silva. Dirigidos por seu pae os primeiros estudos até os preparatorios, matriculou-se Gabriel Pereira na Escola Naval para seguir o curso de Marinha, que, quasi ao fim abandonou a instancias de sua mãe, que tinha grande desgosto por ele se dedicar a uma carreira tão arriscada.

Passou então para a Escola Politecnica onde, tambem por circunstançias, não concluiu o curso. A sua vocação inclinava o para outra ordem de estudos, e foi assim que, voltando para Evora, onde se empregou na secretaria da Misericordia, ali principiou por salvar da ruina o cartorio, organizando-o devidamente e nele encontrou documentos importantes, de que veiu grande proveito áquella instituição.

Gabriel Pereira encontrava se, emfim, no seu meio, e não tardou que principiasse a dar á estampa o resultado de suas investigações e estudos historicos e arqueologicos, em que sobresaem os citados *Estudos Eborenses*.

A Universidade de Coimbra encarregou-o, em



GABRIEL PEREIRA

1880, de organizar o índice provisório dos documentos do seu cartório. Publicou os *Documentos de Évora*, e nesta ordem de trabalhos foi de extraordinária fecundidade. A enumeração simples de toda a sua obra não cabe nos limites desta breve notícia de necrologio.

Gabriel Pereira com estas provadas habilitações estava naturalmente indicado para mais elevados cargos da sua especialidade e então aconteceu o que raras vezes tem sucedido neste país, como o de ir buscar um homem para um lugar para que tenha verdadeira competência; Antonio Ennes, que em 1887 era bibliotecário-mór da Biblioteca Publica, convidou Gabriel Pereira a entrar naquelle estabelecimento, como empregado extraordinario, passando no anno seguinte a conservador, até que em 1902, por morte de Lino da Assunção, foi nomeado inspeção das bibliotecas e arquivos publicos.

O que Gabriel Pereira foi neste alto cargo dil-o o sr. Cristovão Aires nas linhas que acima transcrevemos, dizem nos todos aqueles que recorriam áquele arquivo da historia, pela maneira como Gabriel Pereira os recebia e lhes atendia suas pretensões, ainda as mais difíceis, porque para Gabriel Pereira não havia difficuldades, ele sabia muito, era um erudito consciante, e conhecia todos os recantos da vasta Biblioteca Publica, o lugar de todas as obras, impressas, manuscritas e em estampas, era uma biblioteca viva, dando a todos relação do que pretendiam saber, e isto fazia com a maior facilidade e até com prazer.

Quanto vae sentir-se a sua falta, irremediavel, naquelle estabelecimento!

Gabriel Pereira era socio da Associação dos Arquitectos e Archeologos Portuguezes, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Literaria Almeida Garrett, etc., desempenhando em todas diversos cargos.

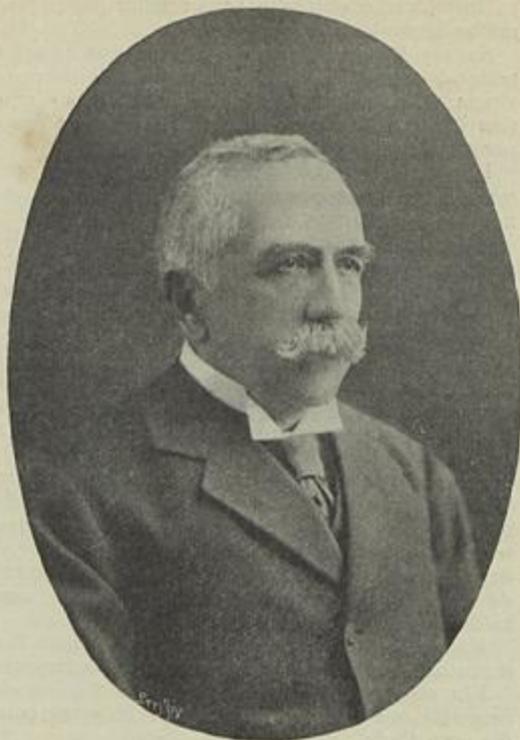
O OCCIDENTE tambem perdeu um dos seus colaboradores, que por vezes vinha enriquecer esta revista com a sua valiosa cooperação.

Receba a sua illustre familia as expressões de nossas sentidas condolencias.

#### Maximiliano de Azevedo

Surpreendeu-nos dolorosamente no dia 4 deste mez a noticia, breve espalhada por Lisboa inteira, do falecimento do illustre homem de letras e limpido carater, que era Maximiliano de Azevedo. Nascido no Funchal, Lisboa conhecia-o e estimava-o pelas suas indefessas qualidades de trabalho, pela sua lucida intelligencia e energia moral nunca enfraquecida. O illustre extinto era, como todos sabem, dedicadissimo ás coisas de teatro e relevantes serviços lhe prestou. Além disso, e sem prejuizo, tinha o posto de coronel de artilharia e era o presado comandante do regimento n.º 1 da mesma arma.

Filho de paes muito considerados na Madeira,



MAXIMILIANO DE AZEVEDO

onde nascen a 16 de fevereiro de 1850, era afilhado do principe alemão Maximiliano do Lenchemberg, cursou nos primeiros annos os preparatorios no Funchal. Sendo ainda rapaz veiu para Lisboa, matriculou-se na Escola Politecnica e cursou a arma de artilharia, conseguindo sempre fazer-se estimar pelos condiscipulos e respeitar pelo professorado.

Promovido a segundo tenente em 1876, fez tirocinio em Santarem e depois na Ilha Terceira onde casou. Promovido a primeiro tenente em 1878, regressou a Lisboa e foi objeto da escolha honrosissima de Latino Coelho na obra: *Historia politica e militar de Portugal nos fins do seculo XVIII*. Além disso foi autór de numerosissimas excellentes peças de teatro, grande encenador e tecnico teatral, e colaborador de muitas e diversas revistas e jornaes. Quanto a nós, sentimo-nos justissimamente orgulhosos de o termos contado como camarada no OCCIDENTE onde publicou interessantissimas locubrações literarias, entre ellas, *O Teatro da Rua dos Condes*. Por todos estes motivos, o lastimoso falecimento do illustre extinto nos desperta um dolorosissimo sentimento e angustiosissimas saudades.

## O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1911

*Barometro* — Max. altura 773<sup>mm</sup>.1 em 13.  
 > Min. altura 742<sup>mm</sup>.8 em 22.  
*Termometro* — Max. altura 19º.9 em 5.  
 > Min. altura 6º.6 em 14.

De 20 a 24, uma profunda depressão barometrica invadiu a costa de Portugal, sendo o maior gradiente ás 3 horas da tarde de 22.

*Chuva* — 96<sup>mm</sup>.9 em 18 dias, sendo os dias mais chuvosos em 1 (17<sup>mm</sup>.6), 16 (13<sup>mm</sup>.4), 18 (10<sup>mm</sup>.2) e 25 (24<sup>mm</sup>.9).

*Nebulosidade* — Ceu limpo ou pouco nublado 20 dias.  
 > nublado 7 dias.  
 > encoberto 3 dias.

*Nevoeiro* — Em 3, 15, 16, 19 e 30.



*Merlim e Veviana* — Acto em verso, por Cailda de Castro — Cernadas & C.ª Livraria Editora.

Foi representado, como de certo se lembram os nossos leitores, com um certo exito, no Teatro da Naturêsa. Não tem altas fantasias maeterlinkianas. A arte é singelissima. Mas a linguagem é corrêta. E os versos são regularmente bem medidos. Ficamos na espêttativa de obras de maior fôlego.

*Auto das Tagides*, por Henrique Lopes de Mendonça. Cernadas & C.ª Livraria Editora.

E' um pequeno auto, comemorativo do primeiro aniversario da Republica Portuguesa, representado em 5 de outubro, no Teatro da Republica.

Da sua factura cuidada, diz-nos bem alto o glorioso nome do aplaudido dramaturgo que é Henrique Lopes de Mendonça.

*Poentes do Outono* — Sonetos, por Manuel Augusto d'Amaral — Tip. do *Diario dos Açôres* — Ponta Delgada.

O autór é um despretençioso chefe de familia que ama enternecidamente a esposa e os filhos e lembra saudosamente os tempos da sua infancia e as fisionomias queridas dos paes e avós. Nas horas vagas fez versos e agora deu se a compilá-los. Estamos certos que acharão abrigo seguro no seio de algumas honradas familias.

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

**CONTRA A TOSSE**

**XAROPÉ PEITORAL JAMES**

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

## Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

**Pharmacia Franco, Filhos**

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

## Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

A sahir a publico

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis